

Homonímia e polissemia

- contributos para a delimitação dos conceitos*

Margarita Correia
FLUL / SILEX (UMR CNRS) / ILTEC

0. Introdução

A homonímia e a polissemia constituem dois conceitos-chave da Lexicologia e da Lexicografia. Tal acontece, a meu ver, por duas razões fundamentais:

- em primeiro lugar, a homonímia e a polissemia podem estar na origem de casos diversos de ambiguidade lexical e, portanto, o seu entendimento é fundamental para o entendimento da ambiguidade e para a sua eliminação;

- em segundo lugar, porque o modo como é encarado cada um destes conceitos vai ser decisivo para a estruturação da descrição de qualquer porção do léxico, por exemplo, vai ser decisivo para o estabelecimento da nomenclatura de um dicionário.¹

O presente trabalho não pretende dar conta do “estado da arte” em termos do tratamento destes conceitos, mas tão-só sumariar uma série de reflexões feitas ao longo de vários anos de ensino de Lexicologia e Lexicografia e que podem ter algum interesse para professores de português língua materna. Pretende-se, ainda, contribuir para o conhecimento dos dicionários que temos, por parte dos professores de português, bem como sensibilizá-los para as possibilidades de os usar em sala de aula para o ensino de alguns aspectos gramaticais.

Normalmente definimos duas palavras homónimas como sendo aquelas que apresentam a mesma forma (fonética e gráfica), mas que têm dois significados diferentes não relacionáveis entre si.

Por seu turno, uma palavra considera-se polissémica quando apresenta vários significados (mais do que um), sendo possível estabelecer uma relação entre esses vários significados.

Embora a definição destes conceitos seja simples, quando perante casos particulares nem sempre é fácil dizer se estamos efectivamente perante duas palavras homónimas ou se, pelo contrário, perante uma palavra polissémica. Assim, começarei por, a partir de exemplos concretos, delimitar a noção de homonímia, tendo em conta os critérios relevantes para a sua classificação. Em seguida, irei apresentar alguns casos em que não é evidente a distinção entre homonímia e polissemia.

Deter-me-ei, posteriormente, na análise da polissemia, realçando alguns dos mecanismos que estão na base do seu surgimento. Finalmente, distinguirei entre polissemia e polirreferência. Partirei do tratamento dado à homonímia e à polissemia em gramáticas pedagógicas (cf.

* Este texto corresponde *grosso modo* à conferência apresentada às *1^{as} Jornadas Internacionais de Linguística da ESE Jean Piaget – Macedo* (Macedo de Cavaleiros, Março de 1998).

¹ Utilizo o termo ‘nomenclatura’ de acordo com Xavier & Mateus (orgs.) (1992): «Conjunto dos itens lexicais que figuram num dicionário e que constituem a lista das unidades de significação seleccionadas e definidas pelo autor» - p. 267.

‘Nomenclatura’ é, para mim, distinto de ‘macro-estrutura’ (embora a parca definição deste termo que é dada em Xavier & Mateus (orgs.) 1992 não permita estabelecer correctamente essa distinção). Assim, entendo por ‘macro-estrutura’ a organização interna geral do dicionário, incluindo todas as suas partes, a saber, a nomenclatura e as suas partes complementares, como a introdução, a lista de abreviaturas, as instruções de utilização, os apêndices, gramaticais e outros, de acordo com Correia & Guerreiro 1995.

bibliografia), bem como procurarei perspectivar as questões aqui tratadas, sempre que possível e pertinente, do ponto de vista do professor de Língua Portuguesa.

1. A homonímia

1.1. Levantamento e resolução (possível) de problemas

1.1.1. Exemplo do tratamento da homonímia numa gramática pedagógica

Consultando gramáticas escolares, verifica-se que a noção de homonímia é geralmente tratada como a seguir se ilustra.

No capítulo dedicado à relação fonética e gráfica entre as palavras, Pinto 1994 afirma:

«**Palavras homónimas** – são as que se escrevem e pronunciam da mesma maneira, mas que têm significado e origem diferentes.

Eu **rio** (< *rideo*) e tu choras.

O **rio** (< *rivu*) Tejo passa em Vila Franca.

Portanto convergem na mesma forma e por isso se chamam também palavras convergentes.» (Pinto 1994: p. 53)

Mais adiante, no capítulo dedicado à origem e evolução do português, a mesma gramática, afirma:

«Vem a propósito dizer que, por outro lado, há palavras que provêm de étimos diferentes e convergem para a mesma forma vocabular, acabando por escrever-se da mesma maneira, embora se trate de palavras com significado muito diferente. São as palavras convergentes:

sanu (*adjectivo*) > são
 sunt (*forma verbal*) > são
 santo (*abreviatura*) > são
 rivu (*nome*) > rio
 rideo (*forma verbal*) > rio
 vanu (*adjectivo*) > vão
 vadunt (*forma verbal*) > vão
 valle (*nome*) > vale
 valet (*forma verbal*) > vale»
 (Pinto 1994: 91)

E, em nota de rodapé, o autor acrescenta que as palavras convergentes são: «Também chamadas homónimas.», remetendo para a p. 53 da mesma gramática.

A apresentação anterior merece algumas considerações, das quais destacarei as seguintes:

i. Do que foi dito pode inferir-se que os conceitos de palavras convergentes e de palavras homónimas são coincidentes, o que não é, de facto, verdade. O conceito de palavra convergente insere-se numa visão diacrónica da língua, ao passo que a homonímia depende de uma visão sincrónica: duas palavras são (ou não) homónimas em sincronia, num determinado estado de língua, tal como uma palavra é ou não polissémica também em sincronia. O que acontece é que a homonímia e a polissemia podem ser explicadas à luz de dados da diacronia, isto é, partindo de dados da História da Língua.

Por outro lado, existem palavras homónimas que não correspondem a palavras convergentes: são palavras construídas que apresentam homonímia estrutural.² Exs.:

- a) «Desta vez há uma separação nítida entre uma parte do Grupo Parlamentar e o primeiro-ministro. Este, de acordo com Ferro Rodrigues (já mais de uma vez o afirmou) devia ter uma intervenção mais forte na direcção do partido. Se a situação

² Note-se que o conceito de homonímia estrutural é aplicável a unidades construídas, lexicais ou não, sendo, por isso, aplicável também a construções sintácticas, como na seguinte frase ambígua:

O João tirou os bancos do carro.

partidária se tornar **ingerível**, Guterres poderá sempre provocar eleições antecipadas.»³

[*ingerível* = “que não pode ser gerido” - [(*in*)_{pref}[*gerível*]_{Adj}]_{Adj}]

b) “O laboratório farmacêutico apresentou o novo formato dos comprimidos X, de modo a tornar o medicamento mais facilmente **ingerível**.”⁴

[*ingerível* = que pode ser ingerido” - [[*ingerir*]_V (*vel*)_{suf}]_{Adj}]

Nos casos anteriores, estamos perante duas palavras homónimas, não porque sejam convergentes, mas apenas porque exibem uma estrutura morfológica distinta, tendo, portanto, significados também distintos.

ii. Se em relação a *rio* (< *rivu* (*nome*)) estamos perante a forma que representa a palavra em causa, o seu lema⁵), já em relação a *rio* (< *rideo* (*forma verbal*)) estamos perante a forma flexionada do verbo respectivo, não correspondente ao respectivo lema (que é *rir*). Verifica-se, portanto, que se comparam realidades de naturezas distintas, pelo que exemplos deste tipo não são os mais apropriados para representar casos de homonímia, apesar de serem recorrentemente citados em gramáticas e manuais escolares, como se verifica através dos restantes exemplos apresentados: *são* (< *sanu* (*adjectivo*)) e *são* (< *sunt* (*forma verbal*)); *vão* (< *vanu* (*adjectivo*)) e *vão* (< *vadunt* (*forma verbal*)); *vale* (< *valle* (*nome*)) e *vale* (< *valet* (*forma verbal*)).

1.1.2. Homonímia e classe de palavras

Considere-se, agora, o seguinte artigo de dicionário:

fino, 1. *adj.* delgado; magro; afilado; miúdo; cortante; delicado; que revela bom gosto; bem proporcionado; puro; excelente; precioso; aprazível; afinado; astuto; apurado; escolhido; diz-se do vinho do Porto e semelhantes; *s. m.* (*fam.*) copo de cerveja fino e alto; **beber do** ~: estar muito bem informado sobre assuntos importantes; **fazer-se** ~: mostrar-se atrevido. (Do lat. *fine-*, «fim», pelo it. *fino*, «fino; puro»). 2. *adj.* e *s. m.* finlandês; finês. (Do lat. tard. *finnu-*, «finlandês».)⁶

Quantas palavras estão tratadas neste artigo? Se se considerar apenas a entrada, trata-se efectivamente de uma só palavra (de forma *fino*). Porém, verifica-se que, no interior do artigo existem duas informações etimológicas, respectivamente: «(Do lat. *fine-*, «fim», pelo it. *fino*, «fino; puro»)» e «(Do lat. tard. *finnu-*, «finlandês»)», o que significa que, se tivermos em conta os dados fornecidos por Pinto 1994, estamos perante duas palavras convergentes. Mas, para além disso, verifica-se que a cada forma convergente correspondem efectivamente duas palavras distintas, um adjectivo («*adj.*») e um substantivo («*s. m.*»), pelo que, de facto, no mesmo artigo temos tratadas quatro palavras homónimas.

Poder-se-á perguntar por que razão o lexicográfico não apresenta duas entradas diferentes para o adjectivo *fino*¹ e o substantivo *fino*¹ (de *fine-*) e outras duas entradas distintas para o adjectivo *fino*² e o substantivo *fino*² (de *finnu-*). Efectivamente, entre adjectivo e substantivo existe uma clara relação morfológica: o substantivo *fino*¹ deriva do adjectivo *fino*¹ por conversão,⁷ o mesmo acontecendo com *fino*², adjectivo e substantivo.⁸ Por essa razão, é nítida a

³ Revista *Visão*, 26-02-98, p. 31 – Cáceres Monteiro. Destaques meus.

⁴ Exemplo forjado por mim.

⁵ Por ‘lema’ entende-se a «Forma gráfica escolhida convencionalmente como vedeta [entrada] de um dicionário ou de um léxico.» Xavier & Mateus (orgs.) 1992: 223. Em português, essa forma corresponde, geralmente, à forma de singular (masculino, quando a palavra tem flexão de género), no caso de substantivos e adjectivos, e, no caso dos verbos, à sua forma de infinitivo.

⁶ Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo 1994. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. revista e ampliada. Porto: Porto Editora, de agora em diante referido como DLP.

⁷ A conversão é normalmente designada nas gramáticas tradicionais e nas pedagógicas como ‘derivação imprópria’, sendo tratada, por vezes, como um processo morfológico de formação de palavras e, outras

relação semântica também existente entre adjetivo e substantivo. Talvez por isso seja prática corrente da lexicografia tradicional portuguesa a inserção dos derivados por conversão no mesmo artigo, embora com a menção da categoria distinta. Existem, porém, casos de dicionários que fazem corresponder a cada categoria uma entrada diferente, ignorando, no entanto, a etimologia das palavras: é o caso, por exemplo, de Machado 1981.

1.1.3. A representação da homonímia nos dicionários

Comparem-se, agora, os dois artigos de dicionário seguintes:

Pena, *s.f.* Aquilo que se faz sofrer a alguém como castigo de qualquer acto julgado repreensível ou culposos; castigo, punição. || Dor, doença, sofrimento físico. || Dificuldade, trabalho. || Aquilo que alguém sofre; tortura moral. || Desgosto, tristeza. || Dó, compaixão, piedade. || Saudade: «Menina, você tem pena do sertão?». || *Sob pena de*, sujeito à pena ou às consequências de; incorrendo na pena de. || *Valer a pena*, merecer um trabalho, um esforço, uma diligência, um sacrifício. || Órgão que cobre o corpo das aves e se compõe de uma haste e de barbas; plumas. || Tubo de pena de algumas aves, especialmente do pato, com que dantes se escrevia, depois de aparado. || Pequena peça de metal ou de chifre com que se escreve; bico, aparato. || Certa medida da grossura aproximada de uma pena de pato. || Estilo, feição literária que cada um dá aos seus escritos. || Autor, escritor. || O trabalho de escrita. || Habilidade, aptidão para escrever. || Nas embarcações, parte de vela latina, que se fixa no penol do caranguejo. || Cada uma das travessas de madeira encaixadas à roda da péla e terminadas em forma de concha, no moinho ou azenha minhota. || Cada uma das asas do rodízio do moinho. || Parte espalmada da bigorna. || Parte em cunha do martelo. || *Ao correr da pena*, ao acaso. || Sem arrebiques de estilo. || *Acudir alguma coisa aos bicos das penas*, lembrar quando se está a escrever. || *Aparar a sua melhor pena*, esmerar-se na forma literária. || *Cair a pena da mão de alguém*, ser tomado de espanto, ser assaltado pelo desânimo. || *Com a pena na mão*, quando está escrevendo. || *Deixar correr a pena*, demorar-se muito na matéria que está escrevendo ou tratando. || *Guerra de pena* ou *de penas*, polémica entre escritores; discussão, controvérsia por escrito. || *Homem de pena*, escritor de profissão. || *Por uma pena*, expressão que traduz a ideia de que uma pessoa, uma coisa ou um animal tem muita parecença ou semelhança. || *O m. q. penha*. || *Ant.* Espinho, pua. || *S. m. Zool.* Peixe da família dos espáridas. || **Pena capital**, *s. f.* A pena de morte. || **Penabsoluto**, *adj. Neol.* Diz-se de certo tipo de monopólio, quase absoluto.⁹

Pena, 1. *s. f.* castigo; punição desgosto; tristeza, dor; aflição; ~ **capital**: condenação à morte; **sob ~ de**: sujeito a; **valer a ~**: merecer um esforço, um trabalho. (Do lat. *poena*-, «id.»). **2.** *s. f. (ornit.)* cada um dos órgãos cutâneos que revestem o corpo das aves, protegendo-os [sic] e permitindo a execução e a orientação do voo; utensílio munido de bico para escrever; cada uma das peças que formam o círculo do rodízio do moinho. (Do lat. *penna*-, «id.»). **3.** rocha; fraga; fragedo. (Do lat. *pinna*- ou *penna*-, «merlão [de muralha]; rochedo»).

DLP

Estamos perante uma palavra polissémica *pena*, de acordo com o primeiro artigo, ou perante três palavras homónimas *pena*, de acordo com o segundo?

vezes, como um processo sintáctico-semântico, dado que não implica alteração na forma do derivado em relação à sua base.

⁸ Assumo que a conversão é sempre um processo orientado, isto é, que é possível determinar, com base em critérios fundamentalmente de natureza semântica, qual a base e qual o derivado.

A conversão adjetivo > substantivo é um dos processos mais produtivos de formação de palavras em português contemporâneo. Resulta, geralmente, na ‘conversão de focalização’, que consiste em denominar uma categoria de referentes a partir da designação de uma das suas qualidades, tida como a mais relevante para a sua identificação – cf. Corbin, D. & P. 1991: 77.

⁹ Silva, António de Morais 1961. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, 6ª edição. Mem Martins: Confluência, 1990, de agora em diante referido como NDCLP.

Atentando no artigo de DLP, verifica-se que existem três étimos distintos para uma mesma forma (lat. *poena*-; lat. *penna*-; lat. *pinna*- ou *penna*-), o que nos leva a constatar que estamos, de novo, perante um caso de palavras convergentes ou, dito de outro modo, de um caso de colisão homonímica: a partir de três étimos distintos, chegamos em português a três palavras distintas embora idênticas do ponto de vista formal. Assim, embora apresente um mesmo artigo, o facto é que, baseado em critérios basicamente etimológicos, DLP admite a existência de três palavras homónimas com a forma *pena* – é por mera convenção (certamente motivada por economia de espaço), que o dicionário representa a homonímia através de algarismos a negro no interior do artigo.¹⁰

Por exemplo, NDLP,¹¹ um dicionário de dimensões francamente maiores, representa a homonímia de forma mais clássica, reservando um artigo diferente para cada um dos homónimos em causa:

pena¹. [Do lat. *penna*.] *S. f.* **1.** Cada uma das peças que revestem o corpo das aves; pluma: “Fala / - rede de penas onde a minha alma se embala!” (Gilca Machado, *Poesias*, p. 61.) **2.** Tubo córneo oriundo da pena de algumas aves, e preparado para com ele se escrever: “Nua não sempre a espada, e noutra a pena” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, V, 79). **3.** Pequena lâmina de metal, terminada em ponta, que, adaptada a uma caneta,, serve para escrever ou desenhar. [Sin., lus., *aparo*.] **4. Fig.** O instrumento da escrita. **5. Fig.** Trabalhos de escrita: *viver da pena*. **6. Fig.** A classe dos escritores: *um expoente da pena*. **7. Fig.** A maneira de escrever; estilo, cálamo: *a pena machadiana*. **8. Fig.** Autor, escritor: *Este rapaz é uma pena brilhante*. **9.** Parte espalmada da bigorna. ♦ **Pena de ouro.** Escritor ou jornalista brilhante, talentoso. **Pegar na pena.** Principiar a escrever. **Uma pena.** Muito leve (coisa ou pessoa).

pena². [Do gr. *poiné*, pelo lat. *poena*.] *S. f.* **1.** Castigo, punição: “A rainha D. Maria I, por um ato de clemência, comutou as penas de quase todos em extermínio para a África, e só um, o *Tiradentes*, subiu ao patíbulo” (João Ribeiro, *Histórias do Brasil*, p. 311). **2.** Sofrimento, padecimento, aflição: “Quem ama inventa as penas em que vive” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 44). **3.** Piedade, compaixão, dó: “Donzela, deixa tua aia, / Tem pena do meu penar.” (Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 26.) **4.** Mágoa, desgosto, tristeza. **5. Bras.** Punição imposta pelo Estado ao delinqüente ou contraventor, em processo judicial de instrução contraditória, por causa de crime ou contravenção que tenham cometido, com o fim de exemplá-los e evitar a prática de novas infrações. **6.** Sanção de carácter civil, fiscal ou administrativo, pecuniária ou não, proveniente de infrações previstas nas respectivas leis, e, quanto às civis, também nos contratos. ♦ **Pena acessória. Bras. Jur.** Aquela que, em certos casos, acompanha a reclusão ou detenção, e que consiste em perda de função pública, interdições de direito e publicação da sentença condenatória. **Pena capital.** Pena de morte; pena mortal: *crimes passíveis de pena capital*. **Pena de talião. 1.** Pena antiga pela qual se vingava o delito infligindo ao delinqüente o mesmo dano ou mal que ele praticara. **2.** Aplicação ou imposição desta pena. [Também se diz apenas *talião*; sin. ger.: *lei de talião, retaliação, talionato*. – Atenção: escreve-se *talião* com minúscula, pois não é nome próprio.] **Pena mortal.** Pena capital. **A duras penas.** Com extraordinário esforço, com grande afã. **Poucas penas.** Pouco ou nenhum interesse desperta determinado assunto ou fato. **Sob pena de. 1.** Incorrendo na pena de. **2.** Expondo-se às conseqüências de. **Valer a pena.** Merecer o sacrifício ou o trabalho que custa.

pena³. [Do celta *penn*, ‘cabeça, cabeço’, pelo lat. *pinna*, ‘ameia’.] *S. f.* **1. Ant.** Penha. **2. Marinh. V. penol.**

¹⁰ Note-se que as diferentes acepções de cada um dos homónimos são separadas apenas por ponto e vírgula (;), ao contrário de outros dicionários, que as numeram, como é o caso de NDLP (cf. nota seguinte). Note-se também que, na 8ª edição deste dicionário (1998), esta forma de representar a homonímia é posta de parte, aproximando-se da forma de representação adoptada por NDLP – cf. nota seguinte.

¹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda 1986. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, de agora em diante referido como NDLP.

O que faz, porém, que em NDCLP o lexicógrafo tenha optado por juntar os três homónimos num mesmo artigo, sem fazer qualquer referência ao facto de se tratar de três palavras homónimas? Note-se que, nesse artigo, não existe qualquer informação etimológica, dado que se trata de uma edição abreviada da 10ª edição do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, segundo os seus organizadores, «aliviada» de etimologia e de abonações. Assim, o critério etimológico não pôde ter sido em conta neste dicionário. Tal facto pode ser confirmado ao verificar o que acontece na edição “não-aliviada” da 10ª edição do mesmo dicionário,¹² que apresenta não menos de cinco entradas *pena* distintas.

1.1.4. Homonímia ou polissemia? As insuficiências do critério etimológico

Mas se a existência de um ou mais étimos para uma mesma forma é considerada, em lexicografia, como o critério mais relevante para o estabelecimento da homonímia, nem sempre ele é suficiente para determinar se, dada uma forma, estamos perante dois homónimos ou perante uma palavra polissémica. Atente-se no caso seguinte:

banco, *s. m.* móvel de madeira, ferro, pedra ou plástico, com ou sem encosto, para assento das pessoas; mocho; escabelo; pranchão sobre que trabalham os carpinteiros; cepo de ferrador; tábua onde se sentam os remadores; cardume de peixes à superfície da água; extensa elevação do fundo do mar ou de um rio quase até à superfície; mole de gelo flutuante; camada de pedra; (*com.*) instituição financeira que realiza operações mercantis relacionadas com o dinheiro ou com os títulos e valores que o representam; edifício onde se realizam essas operações; (*med.*) dependência hospitalar para consultas e tratamentos urgentes; ~ **emissor**: vd. *emissor*; ~ **de dados**: (*inform.*) organização lógica de informação; armazenagem integrada de dados. (Do germ. *banki*, «banco», pelo alto-alemão *bank*, «id.»).

DLP

Embora apresentando apenas uma entrada, correspondendo a um mesmo étimo («germ. *banki*, «banco», pelo alto-alemão *bank*, «id.»), verifica-se que, se se tiver em conta o critério relação / não-relação semântica entre as várias acepções da palavra, existem dois hiatos nessa relação:

i. não se compreende qual a relação semântica entre *banco* (móvel / etc.) e *banco* (instituição bancária), por um lado;

ii. não se compreende qual a relação entre os dois grupos de significados anteriores e o *banco* de urgência (dependência hospitalar).

A confirmar a inexistência de um elo claro entre estes três grupos de palavras, note-se a quantidade e variedade de explicações que, em geral, os falantes, procuram para justificar a polissemia desta palavra, quando tal lhes é solicitado.

Compare-se, por outro lado, o tratamento dado pelo mesmo dicionário à entrada *banca*:

banca, *1. s. f.* mesa rectangular e tosca; mesa lavadouro para a louça, usada nas cozinhas; secretária; tripeça; escritório de advogado; certo jogo de azar; quantia posta sobre a mesa pelo banqueiro, no começo do jogo. (De *banco*). *2. s. f.* conjunto dos bancos nacionais; o seu movimento financeiro, (Do it. *banca*, «id.»).

Tendo em conta o tratamento dado a esta última entrada, poderá pôr-se a hipótese de que existam dois étimos para *banco*, um dando conta das acepções do primeiro grupo (provavelmente o germânico *banki*) e outro que dê conta do segundo grupo de acepções (as que dizem respeito à instituição bancária, provavelmente o italiano *banca*¹³). Quanto à acepção

¹² Silva, António de Morais (1949-1959). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed. revista, corrigida aumentada e actualizada. 12 vols. Lisboa: Confluência.

¹³ Segundo Machado (1952), *banca* teria entrado no português no século XVI, embora a atestação apresentada nesse artigo diga respeito ao primeiro grupo de acepções de *banco*.

relativa à dependência hospitalar, provavelmente apenas um manual de história da Medicina em Portugal nos poderá esclarecer sobre a sua origem.¹⁴

Infelizmente não dispomos para o português de um dicionário histórico¹⁵ que nos permita dar conta do historial das palavras da língua – apenas dispomos de dicionários etimológicos, que só nos dão conta do étimo e da primeira atestação da palavra.

1.2. A homonímia na aula de gramática

Pelo que ficou exposto, pode verificar-se que o dicionário pode ser um excelente instrumento de trabalho para tratar da questão da homonímia em situação de aula de Língua Portuguesa, sobretudo se se assumir o princípio de que o ensino da gramática não deve limitar-se a uma mera transmissão passiva de conhecimentos no sentido professor > aluno, mas que deve ser alvo de um trabalho prático sobre a língua, em contexto laboratorial, de oficina gramatical.¹⁶

No entanto, um trabalho deste tipo exige do professor de português um exaustivo trabalho de preparação de actividades, bem como a capacidade de escolher, de entre os dicionários disponíveis, aqueles que efectivamente se adequam às actividades projectadas e, ainda, dentro destes, os exemplos mais evidentes das noções a veicular.

Com este trabalho pretendo contribuir para facilitar estas tarefas aos professores de Língua Portuguesa.

2. A polissemia

Na exposição que vou fazer em seguida assumo que a relação entre as várias acepções de uma palavra polissémica são explicáveis por princípios semântico-referenciais de derivação: um significado básico dá origem a significados derivados.¹⁷

2.1. Exemplo do tratamento da polissemia numa gramática pedagógica

Se a homonímia recebe um tratamento deficiente nas gramáticas pedagógicas, o mesmo acontece com a polissemia.¹⁸ A comprová-lo atente-se no tratamento dado a este conceito em Pinto (1994) – a mesma gramática que utilizei para ilustrar o tratamento dado à homonímia:

«Se observarmos as frases:

A maçã está podre e o pêssego está **bom**.

Ele é um **bom** rapaz.

Conseguimos um **bom** resultado.

¹⁴ Não foi, porém, possível fazer essa pesquisa para o presente trabalho.

¹⁵ ‘Dicionário histórico’ é aquele que, ao fazer uma ordenação cronológica das acepções e usos da unidade, nos dá conta da sua evolução morfo-sintáctica e semântica. – Cf. Correia & Guerreiro 1995.

¹⁶ É esta a perspectiva assumida pelo grupo de Didáctica do Português – Língua a leccionar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, patente, por exemplo, em Duarte 1992, Prista 1992, Santos 1995 e Duarte 1996. É esta a perspectiva que eu própria assumo.

¹⁷ Kleiber 1984: 85-86, ao expor sumariamente a problemática ligada à distinção entre homonímia e polissemia, refere que uma das formas de lidar com a polissemia é assumir que ela seja «*expliquée par des principes sémantico-logiques de dérivation (un sens basique et des sens «dérivés» par extension, restriction, etc...*)» (p. 86). Porém, neste artigo, Kleiber não tem ainda em conta os dados da chamada Semântica Cognitiva, que explicam estes fenómenos mais por razões semântico-referenciais do que por razões semântico-lógicas. Em trabalhos posteriores, porém, o autor assumirá as contribuições desta escola semântica (cf., por exemplo, Kleiber 1990).

¹⁸ Florido *et alii* 1983: 72-73 parece-me, a este respeito, uma gramática exemplar, por apresentar a caracterização de polissemia de uma forma concisa e clara, pecando, no entanto, por apresentar apenas um exemplo de palavra polissémica.

Não estás **bom** da cabeça.

Tiraremos a conclusão de que temos uma mesma palavra (ou significante) – **bom** (do latim < *bonu*) – que apresenta em cada frase uma acepção algo diferente, mas cujo sentido original é o mesmo.

	significado 1 (= ileso, são)
palavra 1	significado 2 (= generoso)
(bom)	significado 3 (= valioso)
	significado 4 (estar doído, variar)

Ao consultarmos um dicionário, verificamos que a maioria das **palavras** são **polissémicas**, isto é, *contêm várias acepções*. Só o contexto em que cada palavra se encontra nos permite determinar com exactidão qual o seu significado, e resolver assim casos de ambiguidade na interpretação dessa palavra.

A organização expressiva do contexto (existência da metáfora, metonímia, etc.) explora e põe em evidência as possibilidades polissémicas de uma palavra.

Vamos ver mais dois exemplos de palavras polissémicas em contexto. O último exemplo de cada palavra mostra-a num contexto claramente figurado:

Viam-se muitas **estrelas**, no céu, esta noite.

A Rita é a **estrela** da companhia.

Ela tem o chapéu na **cabeça**

Ela vinha à **cabeça** do grupo que entrou na sala.

Ela é muito inteligente, é a **cabeça** do grupo.»

(Pinto 1994: 190)

A apresentação anterior merece algumas considerações, das quais destacarei as seguintes:

i. Utilizar o adjectivo *bom* como um exemplo de palavra polissémica parece-me pouco conveniente. Efectivamente, dado o significado deste adjectivo ser tão abstracto, isto é, a sua intensão ser tão reduzida (reduzível a algo parafraseável por “que tem uma valoração positiva no âmbito da sociedade em que vivemos”), *bom* pode qualificar (modificar) quase todas as categorias de entidades que nos rodeiam: objectos, acções, pensamentos, atitudes, etc.¹⁹ Daí, que seja de questionar se é o adjectivo *bom* que tem muitas acepções, ou se, pelo contrário, apresenta sempre o mesmo significado mas pode ser alvo de concretizações referenciais distintas - talvez seja por esta razão que o autor afirma: «temos uma mesma palavra (ou significante) – **bom** (do latim < *bonu*) – que apresenta em cada frase uma acepção algo diferente, mas cujo sentido original é o mesmo».²⁰

ii. O autor afirma que «A organização expressiva do contexto (existência da metáfora, metonímia, etc.) explora e põe em evidência as possibilidades polissémicas de uma palavra.» Isto equivale a considerar que a metáfora e a metonímia, presentes em praticamente todos os casos de polissemia, não são recursos existentes no próprio léxico, mas apenas meros recursos (con)textuais, actualizados ou não, caso a caso. Tal facto significaria que um falante de uma língua seria incapaz de estabelecer umnexo semântico entre as várias acepções de uma palavra sem que estas lhe surgissem inseridas em contextos suficientemente explicativos, o que não me parece ser o caso. Além disso, a posição do autor consiste em reduzir a metáfora e metonímia a recursos estilísticos (no seguimento da tradição retórica), ignorando o seu estatuto de mecanismos semânticos geradores de significado lexical. Finalmente, a posição do autor torna impossível a distinção prática entre significados lexicalizados gerados por metáfora e por metonímia e o recurso a estes recursos estilísticos com funções meramente expressivas e discursivas, localizadas pontualmente.

¹⁹ Pode afirmar-se, pois, que *bom* é um adjectivo prototípico (tendo em conta a caracterização semântica desta classe de palavras proposta por Wierzbicka 1988). É precisamente por isso que resiste à conversão de focalização, que, como vimos, se verificou com *fino*.

²⁰ Sublinhado meu.

iii. Aparentemente em contradição com a afirmação anterior o autor assume que cada palavra tem um significado primeiro (ou básico, ou inerente) e que as suas restantes acepções derivam dele através daquilo a que se convencionou chamar ‘sentido figurado’. É este processo que está subjacente à explicação que é dada para os exemplos de *estrela* e *cabeça*.

2.2. Achegas para a caracterização da polissemia

Se se tiverem em conta as contribuições que alguma da literatura sobre o tema nos propõe,²¹ poder-se-ão destacar as seguintes ideias, que enunciarei apenas e que, posteriormente, desenvolverei. Deste modo, pretendo contribuir para uma melhor delimitação do conceito de polissemia.

- a) A polissemia contribui decisivamente para tornar o léxico de uma língua um sistema profundamente económico.
- b) A polissemia afecta praticamente todas as palavras da língua e é explicável por mecanismos mais ou menos regulares²² que garantem a inteligibilidade dos usos polissémicos das palavras.

Dado o facto de a polissemia das palavras construídas (e em particular das palavras derivadas) relevar de mecanismos mais complexos de construção de significado, no presente trabalho debruçar-me-ei apenas sobre casos de unidades lexicais de estrutura morfológica simples.

2.2.1. Polissemia e economia linguística

A relação entre polissemia e economia linguística não é nova. Ullmann 1964: 347 estabelece-a ao afirmar: «(...) a polissemia é uma condição essencial da sua [da língua] eficiência. Se não fosse possível atribuir diversos sentidos a uma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória: teríamos que possuir termos separados para cada tema concebível sobre o qual quiséssemos falar. A polissemia é um factor inapreciável de economia e flexibilidade da língua (...)».²³

Porém, a polissemia apenas é económica, porque o domínio das várias acepções de uma mesma unidade não requer da parte do falante qualquer esforço suplementar de memorização: efectivamente, o falante é capaz de apreender genericamente o significado de uma unidade lexical ao ser utilizada em contextos inesperados para denominar entidades inesperadas, ao mesmo tempo que é capaz de denominar entidades cujo nome não conhece usando palavras que designam entidades diferentes, sem que isso provoque dificuldades de comunicação.

Tal como se estipula a existência de uma ‘competência sintáctica’, que permite produzir frases nunca antes produzidas e compreender frases nunca antes ouvidas, existe certamente uma ‘competência semântico-denominativa’²⁴ que torna o falante capaz de utilizar palavras já existentes para produzir denominações nunca antes produzidas e compreender denominações nunca antes ouvidas. De resto, se o conhecimento das várias acepções de uma palavra dependesse exclusivamente da memória, a economia resultante da polissemia teria um valor irrisório – cf. Correia 1995.

2.2.2. Mecanismos geradores de polissemia

²¹ O tema da polissemia (tal como o da homónimia) é, por si só, inesgotável. Torna-se por isso praticamente impossível pretender cobrir toda a literatura sobre ele.

²² É minha convicção que estes mecanismos são de facto bastante mais regulares do que tem sido aceite. Simplesmente, os mecanismos de denominação (a relação que existe entre a unidade lexical - provida de significado e de significante - e o referente que é denotado por ela) não têm sido suficientemente explorados no âmbito da Linguística, por se considerar um domínio que escapa ao conhecimento estritamente linguístico.

²³ O sublinhado é da minha responsabilidade.

²⁴ ‘Competência semântico-denominativa’ é o termo que propus em Correia 1995 para designar esta capacidade dos falantes de qualquer língua.

A polissemia afecta praticamente todas as palavras da língua, porque resulta de mecanismos naturais e inconscientes de atribuição de significado, que muito facilitam a comunicação entre falantes e minoram o esforço de memorização do saber lexical.

Grande parte dos casos de polissemia podem ser explicados por mecanismos de metáfora e de metonímia.

Alguns autores referem, como fonte de criação de polissemia, processos como a abstracção (ou abstractização) e a concreção (ou concretização). Exemplos de abstracção e de concreção geradores de polissemia são apresentados por Martin 1996: 49-50, quando, ao falar da abstracção / concreção (dos substantivos) como um processo, refere a abstracção analógica e as concreções actancial e objectal.

Segundo este autor, ‘abstracção analógica’ é aquela que surge sempre que se utiliza um substantivo mais concreto simbolicamente, como em: *O tê-lo deixado sozinho deixou-me um peso na consciência* – cf. Martin 1996: 49. Por ‘concreção actancial’ entende a que surge quando, em vez de designar “o facto de”, “a acção de”, “o estado de”, um substantivo deverbal passa a designar um dos seus actantes: o actante fonte ou agente (*governo*: “conjunto daqueles que governam”); o actante objecto (*construção*: “aquilo que se constrói”); o actante instrumento (*embalagem*); o local (*paragem*: “local onde X pára – *paragem de autocarros*); tempo (*vereação*: “tempo durante o qual X vereia”) – cf. Martin 1996: 50. Finalmente, ‘concreção «objectal»’ é aquela que conduz da propriedade ao objecto que a possui: uma *beleza* é um indivíduo que se destaca por ser belo; uma *palermice* é uma frase, uma atitude ou um comportamento palerma – cf. Martin 1996: 50.

No entanto, uma análise mais detalhada destes processos prova que podem ser entendidos, também eles, como formas particulares de metáfora (no caso da abstracção analógica) ou de metonímia (nos casos das concreções actancial e objectal).

2.2.2.1. A metáfora

Para efeitos do presente trabalho, definirei ‘metáfora’ como o mecanismo semântico que consiste na designação de uma entidade A pelo nome de uma entidade B, sendo que $A \neq B$, mas ambas as entidades mantêm entre si relações de semelhança (de forma, cor, função, textura, etc.).

Consideremos uma palavra simples como *ilha*. DLP trata esta entrada do seguinte modo:

ilha, s. f. (*geog.*) porção de terra emersa rodeada de água, nos oceanos, mares e lagos; grupo de casas pobres; fig. qualquer objecto completamente isolado. (Do lat. *insula*-, «id.», pelo cat. *illa*, «id.»).

Por seu turno, NDLP trata a mesma entrada do seguinte modo:

ilha. [Do lat. *insula*.] S. f. **1.** *Geog.* terra menos extensa que os continentes e cercada de água por todos os lados. [Sin. *ínsula* e (*bras., AM*) *ipuã*. Dim. irreg.: *ilhota, ilhéu, ilheta*.] **2.** *P. ext.* Aquilo que por estar isolado lembra uma ilha: *Mora numa ilha de verdura*. **3.** *Bras.* Espécie de calçada, de nível mais alto do que o da rua, erguida no meio desta a fim de separar as mãos de direção e como proteção aos pedestres. **4.** *Bras. Marajó e parte do MA e de MT.* Grupo espesso de altas árvores, em meio aos campos. **5.** *Bras. Constr. Nav.* Em um navio--aeródromo, parte da superestrutura que se eleva acima do convés de vôo, a boreste, e onde ficam as instalações de comando e de comunicações do navio. **? Ilha de casca.** *Bras. V. sambaqui. Ilha de mata.* *Bras., AM V. capão*².»

Em NDCLP, para além das acepções relativas à Geografia e à que denota o conjunto de árvores, encontram-se as seguintes:

«Grupo de casas isolado de outras habitações e cercado de ruas por todos os lados. || *Ter. do Porto.* Pátio cercado de vivendas pobres.»

Em GDLP²⁵, para além das anteriores, encontram-se, ainda:

²⁵ Machado 1981.

«Elevação de terreno, geralmente poupada durante as enchentes. || Diz-se das áreas, num cliché a traço, que não foram atacadas e corroídas pelo ácido, e as quais, depois da mordacagem, são rebaixadas com a fresa.»

Para além das acepções dicionarizadas, se ouvirmos a referência a um grupo de pessoas como uma *ilha*, rapidamente nos apercebemos que se trata de um grupo de pessoas, que se encontra relativamente isolado, que partilham determinadas características que as tornam distintas das restantes pessoas que as rodeiam. De facto, é frequente, em particular em linguagem política e jornalística, falar em *ilhas de pobreza*, por exemplo.

Ainda, como exemplo de um uso metafórico de *ilha*, veja-se o seguinte excerto:

«Ainda que baseados em tecnologias de informação e de comunicação das mais avançadas, estes projectos [info-fábricas] não são exclusivos das regiões metropolitanas mais desenvolvidas, as quais, aliás, começam a estar saturadas e a ter preços de operação incomportáveis. Pelo contrário, são, por isso, recomendados como «ilhas de modernização»²⁶ no panorama rural e das aglomerações urbanas do interior.»²⁷

É muito evidente que a partir da acepção principal de *ilha*, a primeira apresentada em DLP e em NDLP (que podemos considerar o seu significado inerente), o mecanismo gerador de todas as restantes acepções enunciadas é a metáfora: partindo de uma entidade concreta, cujas características físicas (neste caso, forma e posição relativa de duas entidades/substâncias) se conhecem completamente, é possível denominar através da mesma palavra entidades que pertencem a domínios de referência completamente distintos.²⁸

Curiosamente, ambos os dicionários apresentam uma acepção, caracterizada como *fig.* (sentido figurado) em DLP e como *P. ext.* (por extensão) em NDLP, que funciona como a estrutura significativa da palavra que vai permitir a construção de todas as restantes acepções.²⁹ É como se, a partir desta estrutura significativa, as restantes acepções de *ilha* pudessem ser entendidas como diferentes concretizações referenciais do mesmo conceito.³⁰

A metáfora apresenta-se, então, como muito mais do que um recurso discursivo ou de estilo: é um mecanismo semântico que contribui decisivamente para a economia da língua. A criação de denominações com recurso a metáforas é um mecanismo altamente disponível em qualquer língua e revela-se bastante eficaz, na medida em que permite, nomeadamente, falar de entidades sobre as quais temos um conhecimento mais vago (por serem abstractas, distantes ou não apreensíveis pelos sentidos sem recurso a aparelhagem adequada) em termos de entidades das quais temos um melhor conhecimento. Torna-se compreensível o porquê de serem muitas das palavras mais simples, mais frequentes, designando entidades concretas mais próximas do falante aquelas que são mais polissémicas (atente-se na polissemia de palavras como *casa*, *mãe*, *olho*, *boca*, *chave*, para referir apenas algumas).

Colocando-me, agora, na perspectiva de um professor do ensino básico que necessita de veicular o conceito de 'metáfora' (necessariamente difícil de apreender por adolescentes de 13-14 anos), penso que o recurso, como exemplos, às metáforas mais ou menos lexicalizadas do léxico, porque mais próximas do registo linguístico dos estudantes, pode ser mais profícuo, para a aprendizagem deste conceito, do que o mero recurso a exemplos extraídos de textos literários.

2.2.2.2. A metonímia

²⁶ O sublinhado é da minha responsabilidade; as aspas constam do original.

²⁷ *Expresso-Economia*, 21-02-98, p. 19.

²⁸ Se se quiser utilizar a terminologia proposta por Martin 1996, poder-se-á falar de um mecanismo de abstracção analógica.

²⁹ Importaria estudar o que queremos dizer, em termos linguísticos, quando utilizamos as expressões 'sentido figurado' e 'por extensão', que, embora correntes, denominam conceitos extremamente vagos. No entanto, tal análise não é possível no âmbito deste trabalho.

³⁰ Tal facto leva Corbin & Temple 1994 a distinguirem entre 'polissemia' e 'polirreferência', distinção que (embora a tenha tratado em Correia 1995), por falta de espaço, não explorarei no presente trabalho.

Para efeitos do presente trabalho, defino metonímia como um mecanismo semântico que consiste em denominar uma entidade A por meio da denominação de uma entidade B, sendo que $A \neq B$, mas ambas as entidades mantêm entre si uma relação de contiguidade (de conteúdo a continente, de parte a todo, de matéria a produto, etc.).

Embora noutros contextos (cf. Correia 1995) tenha distinguido entre metonímia e sinédoque, a distinção entre os dois mecanismos não é clara quando passamos de casos em que se designam entidades concretas, para a designação de realidades abstractas. Por essa razão, no presente texto assumirei o termo 'metonímia' tal como é usado na literatura de origem anglo-saxónica, englobando os dois mecanismos.

Como exemplo de um caso claro de metonímia, atente-se no seguinte artigo, extraído de NDLP:

fonte. [Do lat. *fonte*]. *S. f.* **1.** Nascente de água. **2.** Bica de onde corre água potável para uso doméstico, etc. [Cf. *chafariz* (1).] **3.** O depósito para onde corre. [Dim. irreg.: *fontainha*, *fontícula*.] **4.** Pia batismal. **5. Fig.** Aquilo que origina ou produz; origem, causa: *a fonte do mal*; “O seu gênio poético [de Tennyson] foi uma fonte de emoções e uma fonte de receita.” (Constâncio Alves, *Figuras*, p. 161). **6. Fig.** Procedência, proveniência, origem: “eram afirmações sem provas e vinham de fontes suspeitas.” (Bulhão Pato, *Memórias*, II, pp. 143-144). **7. Fig.** O texto original de uma obra. **8.** Cautério (2). **9. Anat.** Cada um dos lados da cabeça que formam a região temporal: “a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 14). **10. Eletr.** Circuito capaz de fornecer energia elétrica, em condições controladas, a outro circuito; fonte de alimentação. **11. Expl.** Dispositivo pirotécnico constituído de um bastão oco carregado de composição pirotécnica, a qual, inflamada, lança chuva de lágrimas coloridas. **12. Fís.** Ponto ou região em que um fluido penetra num sistema; região através da qual há um fluxo de fluido do exterior para o interior de um sistema. **13. Fís.-Quím.** Sistema eletroquímico capaz de debitar corrente elétrica ou de impor uma tensão elétrica a um circuito. **14. Tip.** Conjunto de caracteres tipográficos que inclui, em dada proporção, letras de caixa-baixa e caixa-alta, algarismos, sinais, etc. [V. *polícia* (7).] **15. Tip.** Coleção de matrizes que, em máquina de compor, integra igual conjunto. **16. Jorn.** Qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia; procedência da notícia. **17. Teor. Inf.** Elemento de um sistema de comunicação [q. v.] que produz mensagem original a ser transmitida; onde se origina a mensagem a ser comunicada. ♦ **Fonte cósmica de rádio.** *Astr.* V. *fonte de rádio*. **Fonte de alimentação.** *Eletr.* Fonte (10). **Fonte de infecção.** *Med.* Foco (8). **Fonte de nêutrons.** *Fís. Nucl.* Sistema em que, mediante uma reação nuclear, há produção contínua de nêutrons. **Fonte de rádio.** *Astr.* Fonte estelar emissora de radiações com frequência de ondas de rádio (q. v.); radioestrela, fonte cósmica de rádio. **Fonte de rádio extensa.** *Astr.* Fonte cósmica de rádio, com dimensões angulares tão grandes que não pode ser resolvida por uma astroantena. **Fonte de rádio pontual.** *Astr.* Fonte cósmica de rádio, com dimensões angulares tão pequenas que não pode ser resolvida por uma astroantena. **Fonte ortótropa.** *Fotom.* Fonte luminosa cuja brilhância é constante em todas as direções em que ela irradia. **Fonte pontual.** *Ópt.* Fonte luminosa que é vista, através de um instrumento óptico, sob ângulo sólido muito pequeno. [Uma fonte pode ser pontual por ter uma área de emissão muito pequena ou por estar situada a uma distância muito grande do instrumento óptico.] **Fonte térmica.** *Fís.* **1.** Sistema emissor de radiação infravermelha. **2.** Sistema que pode ceder ou receber energia térmica sem que a sua temperatura se altere. **Fontes coerentes.** *Ópt.* Duas ou mais fontes luminosas que emitem a mesma radiação com diferenças de fase constantes no tempo, e capazes de produzir figuras estacionárias de interferência. **De fonte limpa.** De origem certa, de origem segura; mediante informação insuspeita, autorizada: *Conheço o fato de fonte limpa*.

Se atentarmos nas três primeiras acepções apresentadas («1. Nascente de água. 2. Bica de onde corre água potável para uso doméstico, etc. [...] 3. O depósito para onde corre.»), verifica-se existir uma clara relação de contiguidade entre as entidades denotadas em cada caso: da nascente para a bica por onde corre a água, da bica para o depósito onde se acumula.

Em seguida, o dicionário propõe-nos três acepções marcadas com a abreviatura *Fig.* (sentido figurado), as acepções 5., 6. e 7., que, tal como aconteceu com *ilha*, nos permitem

apreender a estrutura significativa a partir da qual é possível construir as restantes acepções que vão ser atribuídas a *fonte*.³¹ Também neste caso, poder-se-ão encarar as restantes acepções de *fonte* como concretizações referenciais distintas destas estruturas significativas.

Tal como para a metáfora, constata-se, então que a metonímia não é apenas uma figura de estilo (ou recurso estilístico), mas, mais que isso, é também um mecanismo gerador de significações, isto é, um mecanismo semântico que contribui decisivamente para a polissemia das palavras.

3. Notas conclusivas

Neste trabalho, pretendi contribuir para uma melhor caracterização da polissemia e da homonímia. Assim, em 1., após ter levantado alguns problemas que se levantam em relação à classificação das palavras homónimas, procurei provar que a homonímia pode ser estabelecida, sobretudo com base em três critérios: não-relação entre os vários significados que uma mesma forma assume; existência de étimos diferentes; existência de homonímia estrutural. Pretendi, ainda, mostrar como o uso do(s) dicionário(s) adequado(s) pode contribuir para o ensino desta matéria, baseado no pressuposto de que, além de transmitir conhecimentos, o professor deve contribuir para que o aluno construa o seu próprio conhecimento, com base num trabalho laboratorial sobre os fenómenos da língua.

Em 2., apresentei a polissemia como resultando de processos de derivação de significado, através de dois mecanismos essenciais: a metáfora e a metonímia, entendidos aqui como algo mais do que meras figuras de estilo. Em relação às palavras polissémicas apresentadas poderia ter enveredado por uma explicação mais detalhada que teria em conta o processo de polirreferência; porém, dado o âmbito do presente trabalho, optei por referir apenas essa possibilidade de análise, remetendo para literatura complementar.

4. Bibliografia

Bibliografia geral

- Carvalho Rodrigues, Rosinda & Madalena Baptista (1995). «A polissemia de ‘linha’ – da Teoria do Protótipo à Parecência de Família». In: Duarte, Inês & Matilde Miguel (orgs.), pp. 195-207.
- Corbin, Danielle & Pierre (1991). «Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*». In: *Lexique 10*. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires de Lille, pp. 61-145.
- Corbin, Danielle & Martine Temple (1994). «Le monde des mots et des sens construits: catégories sémantiques, catégories référentielles». In: *Cahiers de Lexicologie* 65, pp. 5-28.
- Correia, Margarita (1995). «O léxico e a economia da língua». In: *Ciência da Informação*, vol. 24, 3. Brasília: IBICT / CNPq, pp. 299-307.
- Correia, Margarita & Paula Guerreiro (1995). «Bases de dados lexicais». In: Mateus, Ma. Helena & António Horta Branco (orgs.). *Engenharia da linguagem*. Lisboa: Colibri, pp. 43-69.
- Delgado-Martins, Ma. Raquel, Dília R. Pereira, Ana I. Mata, Ma. Armanda Costa, Luís Prista & Inês Duarte (1992). *Para a didáctica do português – Seis estudos de Linguística*. Lisboa: Colibri.

³¹ A confirmar a vagueza dos conceitos associados às denominações ‘sentido figurado’ e ‘por extensão’, caberia perguntar por que razão, neste caso, NDLP classifica estas acepções como resultantes de sentido figurado e não como extensão de significado, como fizera em relação a *ilha*.

Artigo publicado na revista *Palavras*, n.º 19, Lisboa: Associação dos Professores de Português, pp. 57-75.

Delgado-Martins, Ma. Raquel, Ma. Isabel Rocheta & Dília Ramos Pereira (orgs.) (1996). *Formar professores de português, hoje*. Lisboa: Colibri.

Duarte, Inês (1992). «Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo». In: Delgado-Martins, Maria Raquel *et alii*, pp. 165-177.

Duarte, Inês (1996). «Se a língua materna se tem de ensinar, que professores temos de formar?». In: Delgado-Martins *et aliae* (orgs.), pp. 75-84.

Duarte, Inês & Matilde Miguel (orgs.) (1995). *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III – *Gramática e vária*. Lisboa: APL / Colibri.

Kleiber, Georges (1984). «Polysémie et référence: La polysémie, un phénomène pragmatique?». In: *Cahiers de Lexicologie*, 44, pp. 85-103.

Kleiber, Georges (1990). *La sémantique du prototype: Catégories et sens lexical*, Paris: Presses Universitaires de France.

Lyons, John (1977). *Semantics – 2*. Cambridge: Cambridge University Press.

Martin, Robert (1996). «Le fantôme du nom abstrait». In: FLAUX, Nelly, Michel Glatigny & Didier Samain (eds.). *Les noms abstraits, histoire et théories*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, pp. 41-50.

Messelaar, P. A. (1985). «Polysémie et homonymie chez les lexicographes. Plaidoyer pour plus de systématisation». In: *Cahiers de Lexicologie* 46, pp. 45-56.

Prista, Luís (1992). «*Mar, Maria, Dadinha, Cunha, tentar que digam que consideramos que, anticonstitucionalissimamente, off-side, falabaláqueo* ou oito fichas de gramática». In: Delgado-Martins *et alii*, pp. 119-163.

Récanati, François (1997). «La polysémie contre le fixisme». In: *Langue Française* 113, pp. 107-123.

Santos, Ana Lúcia (1995). «Que tem medo da gramática?». In: Duarte, Inês & Matilde Miguel (orgs.), pp. 19-22.

Taylor, John R. (1989). *Linguistic Categorization – Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon Press.

Wierzbicka, Anna (1988). «What's in a noun? (or: How do nouns differ in meaning from adjectives?)». In: *The semantics of Grammar*. Amesterdão / Filadélfia: John Benjamin's Publishing Company, pp. 463-497.

Xavier, M^a Francisca & M^a Helena Mateus (orgs.) (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II. Lisboa: Cosmos.

Gramáticas pedagógicas consultadas

Figueiredo, J. M. Nunes & A. Gomes Ferreira (s/d). *Compêndio de Gramática Portuguesa*, 14^a ed. Porto: Porto Editora, 1990.

Florido, Maria Beatriz & Maria Emília Duarte Silva (1983). *Novos caminhos para a linguagem*. Porto: Porto Editora.

Mello, Cristina de & José Neves Henriques (1985). *A língua e a norma*. Lisboa: Plátano Editora.

Pinto, José Manuel Castro (1994). *Gramática de Português*. Lisboa: Plátano Editora.

Pinto, José Manuel Castro, Manuela Parreira & Ma. do Céu Vieira Lopes (1987). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora.

Pinto, José Manuel Castro, Manuela Neves & Ma. do Céu Vieira Lopes (1998). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora.

Dicionários de língua utilizados

Costa, J. Almeida & A. Sampaio e Melo (1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed. revista e ampliada. Porto: Porto Editora.

Ferreira, Aurélio Buarque da Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Machado, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª edição. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.

Machado, José Pedro (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed., 12 vols. Lisboa: Amigos do Livro / Sociedade de Língua Portuguesa.

Silva, António de Moraes (1949-1959). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed. revista, corrigida aumentada e actualizada. 12 vols. Lisboa: Confluência.

Silva, António de Moraes (1961). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. 6ª edição [edição compacta do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, segundo a 10ª edição revista e aumentada]. 5 vols. Mem Martins: Editorial Confluência.